

*Oh, olhos e mãos ensanguentados*

*A noite é impermanente*

*A cela de prisão é impermanente*

*E as correntes*

*Nero está morto, mas Roma não morreu*

*E ainda está lutando*

*E as sementes secando*

*Encherão o vale de sementes*

**MEM**   
MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Sobre os humanos, de Mahmoud Darwish

---



## **Dia dos Prisioneiros Palestinos**

---

**Abdullah Omar**

# MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.



Título: Dia dos Prisioneiros Palestinos

Publicado em abril de 2022.

© Editora MEMO 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.

Monitor do Oriente Médio  
Avenida Conselheiro Carrão, 1077  
Sala 706, Vila Carrão São Paulo  
Estado de São Paulo, Brasil  
+55 (11) 2093-0599  
[www.monitordooriente.com](http://www.monitordooriente.com)

## Dia dos Prisioneiros Palestinos

### Abdullah Omar

Jornalista e crítico palestino, nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



Colocaram correntes na boca dele  
Amarraram suas mãos com a pedra dos mortos  
E lhes disseram: Você é um assassino

Levaram sua comida, roupas e as bandeiras  
E o jogaram na cela dos mortos  
E então lhes disseram: Você é um ladrão  
Levaram sua pequena amada  
Então lhes disseram: Você é um refugiado

Oh, olhos e mãos ensanguentados  
A noite é impermanente  
A cela de prisão é impermanente  
E as correntes  
Nero está morto, mas Roma não morreu  
E ainda está lutando  
E as sementes secando  
Encherão o vale de sementes

### **Sobre os humanos, de Mahmoud Darwish**

O dia 17 de abril de cada ano marca o Dia do Prisioneiro Palestino, que foi adotado pelo Conselho Nacional Palestino em 1974 como um dia nacional pela liberdade dos prisioneiros e pelo apoio à sua causa justa. Desde então, a data continua sendo celebrada anualmente em todos os seus lugares, dentro da Palestina e na diáspora, usando vários meios e formas. O objetivo é lembrar ao mundo inteiro que as prisões de palestinos e as horríveis formas de tortura, violações e abusos a que são submetidos diariamente nas prisões israelenses, excedem todas as normas e convenções internacionais e humanitárias, principalmente do direito humanitário, a Quarta Convenção de Genebra e os princípios dos direitos humanos.

É direito de uma pessoa em qualquer lugar, a qualquer momento, independentemente de sua nacionalidade, gênero, seita, raça, idioma e cor, gozar de liberdade e dignidade. Esses direitos nascem com o indivíduo e o acompanham em todas as etapas de sua vida até sua morte. E quando alguém tenta arrancar esses direitos naturais dele pela força, o direito internacional lhe concede - como a natureza humana lhe concede - o direito de defender-se, e também sua terra e liberdade. Esta é a história do povo palestino, e foi exatamente isso que aconteceu quando os israelenses ocuparam suas terras, roubaram sua liberdade, deslocaram seu povo e destruíram suas cidades e vilarejos. Era natural que o povo palestino defendesse seus direitos e resistisse à ocupação pela força da verdade e pela arma da resistência. A luta palestina tornou-se contínua e efetiva, sem interrupção.

Além disso, resistir à ocupação é uma honra da qual os povos se orgulham. Todos os povos honrados que caíram sob ocupação ofereceram resistência e foram conquistando sua liberdade e seus direitos. O povo palestino percebeu essa necessidade desde o início do Mandato Britânico e, depois, na ocupação israelense. Ao longo de cem anos contínuos, estes ocupantes produziram muitos mártires, feridos e prisioneiros.

Esses prisioneiros, na consciência coletiva palestina, não são apenas os filhos da Pátria que estiveram ausentes devido à prisão, não são meros números, mas são heróis que lutaram, se sacrificaram e passaram seus anos de juventude atrás das grades de uma prisão, por amor à Palestina e seus locais sagrados. E eles se tornaram ícones da liberdade, cujo povo aguarda o retorno. Até que isso seja alcançado, o povo palestino acredita que tem o direito de exigir, para os prisioneiros, o tratamento digno que os combatentes da liberdade merecem de acordo com as leis e convênios internacionais.

É lamentável que os prisioneiros palestinos sejam submetidos a tribunais militares sem os elementos mínimos para um julgamento justo. 99% das acusações levam à condenação e, se as autoridades israelenses não têm motivos para a prisão, recorrem à detenção administrativa baseada em “prova secreta” que o detido não conhece, e que o priva do direito de defesa. A ordem de prisão administrativa prevê um período de 6 meses, renovável indefinidamente. Mais de 2.700 palestinos foram submetidos a detenção administrativa desde 2000, e hoje há pelo menos 427 detidos enfrentando esse regime arbitrário.

As graves violações a que os presos são submetidos incluem maus-tratos, detenção em condições desumanas, tortura psicológica e física e privação do direito de visita de parentes e familiares para a maioria, sob o pretexto de ameaça à segurança; Também incluem confinamento forçado e solitário que às vezes se estende por vários anos, com falta de assistência médica adequada, invasões de seus quartos por unidades especiais de repressão, pulverização de gás e submissão a revistas íntimas. Além disso, a potência ocupante procura legitimar suas práticas, emitindo uma série de leis racistas.

Todos os anos, no Dia do Prisioneiro, as instituições locais e internacionais de direitos humanos enfatizam em larga escala a necessidade de enfrentar as práticas desumanas israelenses que são sistematicamente implementadas contra os prisioneiros palestinos, e pedem a necessidade de obrigar Israel a respeitar os acordos internacionais que garantem aos detidos o gozo dos seus direitos. Estatísticas de órgãos oficiais palestinos e instituições que lidam com assuntos de prisioneiros indicam que as autoridades de ocupação israelenses prenderam cerca de um milhão de palestinos, incluindo milhares de crianças, mulheres e idosos, desde 1948.

## Contexto histórico

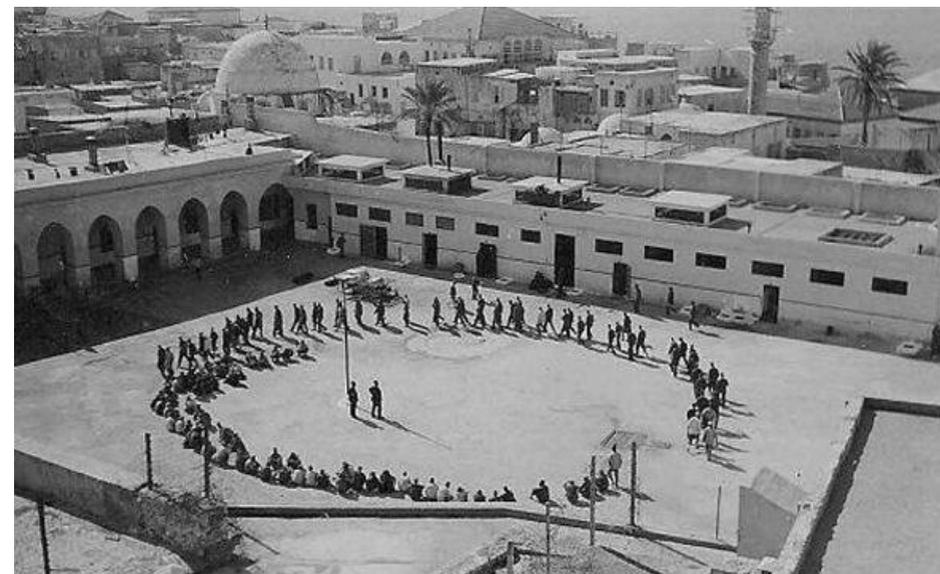
Prisão e tortura são termos que não pertencem apenas ao povo palestino, já que muitos povos sofreram com esses fenômenos repressivos, hostis à liberdade e à dignidade humana, especialmente os povos árabes. No entanto, o povo palestino é o único que sofre há décadas nas mãos da entidade sionista, se não levarmos em conta as práticas da ocupação britânica antes dela. Tais práticas foram narradas por militantes e combatentes da resistência em suas memórias, como o comandante **Bahjat Abu Gharbia**, que dedicou dezenas de páginas a falar sobre prisões em massa, torturas e execuções cometidas pelas autoridades coloniais britânicas na Palestina.

## Antes de 1948

O Mandato Britânico sobre a Palestina teve início em 1918 e se estendeu até 1948. Conhecer essa etapa contribui para uma compreensão mais profunda do papel das potências ocidentais na implantação dessa entidade e da impossibilidade de contar com elas para se livrar da ocupação e da dependência. O povo palestino resistiu a este colonialismo através de várias revoluções, como a Revolução Al-Buraq, de 1929 e a revolução Izz al-Din al-Qassam de 1935 e a Grande Revolução Palestina em 1936. Tudo isso expôs o povo palestino a muitos assassinatos e prisões e, apesar da falta de estudos e estatísticas disponíveis sobre aquele período e da ocultação de fatos nos arquivos britânicos, até agora. O testemunho de pessoas e membros da resistência durante esse período indica que o Mandato Britânico prendeu milhares de palestinos e executou muitos deles em prisões. Entre as prisões mais famosas desse período está a Prisão de Acre, na qual o colonialismo britânico prendeu milhares de palestinos e depois os executou. Os mais famosos deles foram os líderes da Revolução Al-Buraq em 1929, Mohammed Jamjoom, **Fuad Hijazi** e Atta Al -Zir.



Líderes da Revolução Al-Buraq em 1929:  
Mohammed Jamjoom, Fuad Hijazi e Atta Al -Zir



Prisão do Acre durante a era colonial britânica



Soldados britânicos escoltam prisioneiros palestinos  
em Jerusalém, na década de 1930

### 1948-1949

Quem acompanha hoje as campanhas de prisão em massa e arbitrárias lançadas de tempos em tempos pela ocupação na Cisjordânia, incluindo a cidade de Jerusalém, com intervalos durante os quais dezenas de militantes são presos, deve voltar à época da implantação da entidade ocupante na terra da Palestina e ver como milhares de palestinos e árabes foram presos em 1948 e 1949. Quem acompanha hoje o assassinato de combatentes da resistência nos presídios da ocupação, seja por negligência médica deliberada, tortura ou execuções de campo na prisão, durante ou após a prisão, deve retornar ao modo como os presos e detentos foram tratados entre 1948 e 1949. Quem observar as tentativas do ocupante de expulsar da pátria os combatentes, prisioneiros, habitantes de Jerusalém e o povo da Palestina em geral, descobrirá que a política de deportação foi e ainda é um dos pilares mais importantes do inimigo do

povo palestino desde 1948.

Através do estudo elaborado pelos pesquisadores **Mustafa Kabha** e **Wadih Awawda** no livro “**Prisioneiros sem baionetas**”, aparecem as grandes linhas traçadas pela ocupação em relação à detenção e ao trato com o povo palestino. Especialmente nos territórios ocupados em 1948, elas se desenrolavam por meio de procedimentos bárbaros e racistas, como constam nos depoimentos de presos e seus familiares, e discriminação sectária e religiosa, ou com base na filiação política. Apesar de muita informação sonegada, os depoimentos dos primeiros prisioneiros detidos pela ocupação, alguns constantes de documentos dos arquivos do exército israelense, disponíveis e abertos a pesquisadores, e o arquivo da Cruz Vermelha Internacional, constituíram o material básico para esse livro. Além de algumas entrevistas com carcereiros e alguns livros e memórias, entre eles “Eu era prisioneiro” do comandante do Esquadrão da Força Aérea Egípcia **Abdel Rahman Anan**, que foi publicado em 1977 no Cairo.

No que diz respeito aos testemunhos, em sua maioria registrados entre 2005 e 2007, dentro dos territórios ocupados em 1948, devemos destacar aqui a importância da história palestina por meio de narrativas orais, devido aos horrores da Nakba e às tentativas de obliteração da história e as distorções produzidas pelo establishment sionista na Palestina até hoje. No entanto, este material oral deve ser apoiado por documentos disponíveis e pesquisas científicas para que se torne um material documentado que possa ser confiável em pesquisas posteriores. Os importantes testemunhos transmitidos pelos autores sobre detenções e prisões neste período crucial da história da Palestina são considerados rico material para outros estudos, sobre a política de detenção, a política de saques e deslocamentos, e o clima desastroso vivido por todos aqueles que permaneceram na terra ocupada após 1948.

O número de detentos nos presídios de ocupação, nesse período, variou entre 7.000 no mínimo e 12.000 no máximo, conforme concluíram os pesquisadores, comparando as listas disponíveis. Os detidos pertencem a diferentes nacionalidades árabes, mas a maioria (82%) são palestinos. Se alguns dos árabes eram soldados ou paramilitares, voluntários ou afiliados às forças regulares, a maioria dos palestinos era de civis.

Apesar da natureza civil de quase todos à época, o exército sionista insistiu em tratá-los como “prisioneiros de guerra”, principalmente para propaganda, tentando provar que enfrentava enormes exércitos compostos por árabes e palestinos, e também porque visava trocá-los por prisioneiros sionistas que caíram nas mãos das autoridades jordanianas, significando deportação da Palestina. Quanto ao processo de deportação, parece que os prisioneiros palestinos cujas famílias foram deslocadas e suas aldeias e bairros foram destruídos durante esse período, e que não tinham vínculo familiar no país, concordaram em ser deportados. Mas os depoimentos também indicam que muitos dos deportados se infiltraram e voltaram, sendo que muitos deles foram presos.

## 1949 até agora

Há períodos dessa história moderna ainda marginalizados por pesquisadores e historiadores, como o período de 1950 a 1967, que foi coberto pela ignorância e pelo esquecimento. Restaurar a memória e iluminar todas as etapas vividas pelo movimento nacional cativo contribui para unir o povo palestino, em todas as suas componentes, para enfrentar aqueles que dividiram o país e sua história e consideravam que apenas os territórios ocupados em 1967 eram Palestina.

Desde 1948 até hoje, mais de um milhão de palestinos foram submetidos a detenções arbitrárias em prisões israelenses, como resultado de

sua luta contra a ocupação, por sua liberdade e a de sua Pátria. Desde 1967, os palestinos foram submetidos a um regime militar que prendeu aproximadamente 30% da população total da Cisjordânia e de Gaza. O regime militar governou os palestinos criminalizando atos legítimos que estão no cerne de liberdades civis e políticas básicas, incluindo o direito à participação política, liberdade de expressão, mesmo que se limitasse ao de carregar slogans e bandeiras nacionais.

Não há casa palestina sem que seus donos tenham sofrido a amargura da prisão, e não há palestino sem experimentar os horrores de estar ou ter um ente querido preso. Alguns deles provaram esse sofrimento com o próprio corpo, e alguns viram no corpo de outros membros de sua família, parentes, vizinhos e amigos sacrificados. Essas prisões constituíram uma prática diária e permanente, uma ferramenta israelense de vingança, instilando terror e medo nos corações dos palestinos e afetando suas atitudes de forma negativa. Esta prática também é considerada parte essencial da metodologia da ocupação para controlar o povo palestino, enterrar sua revolução e reprimir sua resistência.

Com uma abominável e cruel correlação entre prisões e tortura, se pode dizer que todos os palestinos que passaram pela experiência da prisão foram submetidos, pelo menos, a uma das formas de tortura psicológica ou física, que tornou a prisão israelense um modelo do pior caso de ocupação ao longo da história, pois seus objetivos e efeitos não têm limites escritos. Eles atingem o corpo e a alma, bem como o indivíduo e o grupo, e impedem o desenvolvimento do humano e da sociedade.

## **A realidade dos prisioneiros palestinos agora**

A comemoração do “Dia do Prisioneiro Palestino” este ano ocorre em meio ao aumento do número presos, da ampliação da área de detenções, e da escalada de violações e crimes, de forma perigosa e sem precedentes,

especialmente desde a eclosão das sucessivas revoltas nas últimas duas décadas. Cerca de 4.400 prisioneiros ainda estão definhando nas prisões da ocupação israelense, incluindo mais de 160 meninos e meninas menores de idade e 32 prisioneiras.

De acordo com o **Clube dos Prisioneiros Palestinos**, há 490 detidos administrativos sem acusação ou julgamento, seis deputados do Conselho Legislativo Palestino, um ex-ministro, dezessete jornalistas e centenas de acadêmicos e atletas. Entre os dolorosos casos estão cerca de 600 presos com doenças diversas, incluindo cento e oitenta deles com doenças graves e vinte e cinco com câncer, além de setenta presos com deficiências físicas, psicológicas e sensoriais. Alguns perderam a capacidade de se locomover, devido à negligência médica deliberada, que agrava seu sofrimento e ameaça suas vidas. 227 presos foram martirizados dentro das prisões, seja por negligência ou como resultado de tortura brutal.

Entre os presos, mais de 548 cumprem penas de prisão perpétua uma ou várias vezes. Há aqueles que envelheceram na prisão, especialmente considerando que quarenta presos estão detidos há vinte anos ou mais, continuamente. 17 deles estão detidos há mais de vinte e cinco anos e, destes, há detidos há mais de trinta anos, sendo o mais velho deles o prisioneiro “Karim Younis” dos territórios ocupados em 1948, que está detido há 40 anos contínuos. E há dezenas daqueles que foram presos novamente depois de serem libertados como parte do acordo de troca de prisioneiros em 2011.

A questão dos presos vive sua pior situação e sua fase mais perigosa, pois as autoridades de ocupação persistem em suas violações e aumentm seus crimes. Suas prisões se transformaram em arenas de repressão, ataques e matança lenta, locais de humilhação, tortura sistemática, introdução de inúmeras doenças e campos de experimentação. Além disso, a administração penitenciária está buscando reformular e

produzir a próxima fase de subjugação total dos presos, de forma a quebrar seu espírito de resistência, como foi aquela fase miserável e cruel que prevaleceu nos primeiros anos que se seguiram à ocupação dos territórios palestinos em 1967.

Estamos diante de uma entidade ocupante que viola o direito internacional diante dos olhos e ouvidos de todo o mundo, legitimando suas violações com leis racistas, com a participação de todos os componentes do sistema político e agindo acima da lei e fora do alcance de uma acusação ou responsabilização. A ocupação procura estabelecer uma cultura de impunidade não só para aqueles que trabalham nos serviços de segurança, mas também entre todos os israelenses, o que os leva a persistir em seu comportamento anormal e racista.

### O caso do brasileiro-palestino Islam Hamed

O caso de prisioneiro palestino mais conhecido no Brasil é de Islam Hamed, filho de pai palestino e mãe brasileira, que se vê privado de sua liberdade desde os 17 anos de idade. Entre idas e vindas pelos cárceres sionistas e passagem também por prisão da Autoridade Palestina, tratamentos desumanos e muita tortura, já acumula 18 anos em celas insalubres.

Campanhas por sua libertação já motivaram protestos de rua no Brasil e pressões junto ao Itamaraty para que resgate o brasileiro preso. No ano passado, ele tornou-se notícia novamente por tornar-se pai pela segunda vez, desta vez de gêmeos. A gravidez de sua esposa, buscada pelo casal, foi alcançada por um método adotado pela resistência palestina em situações semelhantes à dele: o contrabando de sêmen. De acordo com o Clube dos Prisioneiros Palestinos, foi a 99ª gestação obtida dessa maneira. O primeiro caso permitiu a paternidade ao prisioneiro político Ammar al-Zabin, em 2012.



Família de Islam Hamed em protesto contra sua prisão [Lina Baker]

**Fonte:** [Mais dois motivos para lutar pela libertação de Islam Hamed](#), por Soraya Misleh (MEMO)

#### 1. Tortura sistemática:

O Clube dos Prisioneiros Palestinos revelou que 95% dos prisioneiros palestinos são submetidos à tortura, desde o primeiro momento da detenção, e a prática se estende até a investigação e depois de serem lançados nas prisões. Ao longo dos anos da ocupação, as instituições de presos monitoraram centenas de depoimentos de detentos sobre tortura psicológica e física, e todas as categorias de detentos incluíam crianças, mulheres, homens jovens e idosos. Desde 1967, 73 presos foram martirizados em prisões da ocupação como resultado da tortura.

A tortura assume muitas formas, como o confinamento solitário, a detenção dos presos em condições severas e compulsórias que não atendem às condições mínimas de saúde e a repressão sistemática, além do processo de transferência de um lugar para outro, que constitui mais uma jornada de tormento para o cativo, bem como a política de negligência médica (slow kill). Seus métodos e ferramentas incluem privação de sono por meio de sessões contínuas de interrogatório de até 20 horas, com o detento amarrado durante o período de interrogatório, a cabeça coberta com um saco sujo, e o corpo imobilizado por dias, sofrendo espancamento, tapa, chute e abuso verbal. Também é torturado com a ameaça de prisão de um familiar, ou de agressão e assédio sexual ao detento ou a um membro de sua família, ou ainda ameaças de demolição de casas ou ameaças de morte, negação do uso de banheiros, proibição de tomar banho ou trocar de roupa por dias ou semanas, exposição a frio ou calor extremos, exposição constante a ruídos, insultos, ameaças e outros.

## **2. Negligência médica nas prisões:**

A política de negligência médica é uma das muitas violações praticadas pelas autoridades de ocupação contra os presos e presas palestinos, já que o número de presos doentes nas prisões da ocupação chegou a mais de 600 sofrendo de várias doenças, algumas delas crônicas ou graves.

As duras condições que os presos palestinos enfrentam dentro das prisões aumentam o sofrimento dos doentes e pioram sua condição de saúde. Também levam necessariamente à presença de novos casos de doenças em decorrência da falta de um ambiente saudável e adequado à vida humana. A maioria é de prisões antigas que não atendem às normas internacionais em termos de área e construção urbana. Nelas se espalham insetos e roedores.

As administrações prisionais são desautorizadas de suas obrigações

para com as necessidades pessoais e públicas. Os presos também sofrem com as lesões sofridas no momento da prisão ou durante a investigação ou como resultado de sua exposição à repressão pelas unidades especiais, o que aumenta o número de presos feridos e pacientes que não recebem o tratamento necessário e imediato para garantir que sua condição não se deteriore. A política da Autoridade Prisional retarda o fornecimento de tratamento e assistência médica especializada, o que eleva o risco de morte.

## **3. Epidemia do covid-19:**

Embora a epidemia de covid-19 represente uma ameaça para toda a população mundial, representa um perigo adicional para as pessoas privadas de liberdade em todo o mundo, pois correm maior risco de que se espalhe muito mais rapidamente em comparação com a população em geral. Este risco é ainda duplicado para os prisioneiros palestinos. Eles sofrem com duras condições de detenção e práticas sistemáticas, incluindo tortura e maus-tratos, negligência médica, celas superlotadas, falta de ventilação, acesso precário a suprimentos de higiene e materiais de esterilização e desnutrição.

Apesar das orientações e apelos da Organização Mundial da Saúde, do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos e de especialistas em direitos humanos das Nações Unidas sobre a necessidade de impedir a propagação de covid-19 em locais de detenção, as condições nas prisões israelenses continuam a se deteriorar. Os prisioneiros relataram que a Autoridade Prisional de Israel impôs novas restrições às compras de suprimentos de higiene e esterilização nas prisões. Ao mesmo tempo, os funcionários do Serviço Prisional continuam a vasculhar rotineiramente quartos de prisioneiros, prisioneiras e seções e a realizar censos cinco vezes ao dia, sem usar roupas especiais, luvas de proteção ou máscaras médicas.

#### 4. Detenção administrativa:

A detenção administrativa é a detenção sem acusação ou julgamento. Envolve um processo secreto e provas secretas que o detido ou seu advogado não podem ver. De acordo com as ordens militares israelenses, uma detenção administrativa pode ser renovada quantas vezes a autoridade quiser. Cada ordem é emitida por um período renovável de seis meses, sem limite de renovações.

A detenção administrativa é uma medida ligada à situação política voltada aos territórios palestinos ocupados e ao movimento de protesto palestino contra a continuidade da ocupação israelense. Expressa a política oficial do governo de usar a detenção administrativa como punição coletiva contra palestinos.

Essas práticas são proibidas pelo direito internacional. Mas a ocupação continua a emitir ordens de detenção administrativa contra diferentes segmentos da sociedade na Cisjordânia, ativistas de direitos humanos, trabalhadores, estudantes universitários, advogados, mães detidas e comerciantes.

#### 5. Dificuldade em integração à sociedade após a saída:

Não há dúvida de que o sofrimento psicológico dos presos é muito difícil, deixando o trauma dos muitos tormentos e dores enfrentados na prisão, desde a detenção até o duro interrogatório e o confinamento solitário. Esses tormentos e dificuldades marcam a vida do preso em todas as fases de sua vida, e há casos de ex-presos que, após a libertação, continuaram vivendo na escuridão de quartos fechados semelhantes à prisão em que perderam seus anos de juventude.

Os ex-prisioneiros enfrentam os problemas de integração na sociedade palestina, da qual estiveram isolados por muitos anos. Sentem-se privados e fracos na capacidade de se integrar, com sua reabilitação limitada e a fragilidade de apoio material, moral, de saúde e social.

#### 6. Prisões reiteradas:

Os prisioneiros palestinos que foram presos novamente após a libertação obtida como parte do acordo de troca em 2011 foram tratados de maneira dura. A ocupação, por meio de um comitê militar, devolveu contra eles suas sentenças anteriores, obrigando-os a cumprir o restante de suas penas, sem apresentá-los ao Tribunal de Justiça. Isso é considerado uma violação dos acordos feitos entre o Hamas e a entidade sionista ao concluir a troca de prisioneiros, que foram garantidos pelo Egito. Pelos acordos, 1027 prisioneiros palestinos foram libertados, em troca da libertação do cabo **Gilad Shalit** pelo Hamas.

O estado de ocupação israelense começou a prender novamente os prisioneiros libertados na Cisjordânia no início de 2014, sendo que cerca de 79 foram libertados, depois outros 24. O restante ainda está detido, e gradualmente tiveram suas sentenças anteriores restauradas. Isso é ilegal e incompatível com as Convenções de Genebra e com as garantias internacionais do acordo de troca de prisioneiros em 2011, além de injusto e arbitrário.

## Os prisioneiros e prisioneiras mais conhecidos nas prisões israelenses



### Nael Al-Barghouti

O prisioneiro, Nael Al-Barghouti, entrou em seu quadragésimo terceiro ano nas prisões da ocupação israelense, com um intervalo de três anos, e o Clube dos Prisioneiros Palestinos explicou que Al-Barghouti cumpre o mais longo período de detenção descontínua de um palestino na prisão. Al-Barghouti, 65 anos, da cidade de **Kobar**, na província de **Ramallah**, está preso desde 1978 e passou os primeiros 34 anos ininterruptos (na prisão). Ele foi libertado no acordo de troca de prisioneiros entre o Hamas e a entidade sionista em 2011, depois foi preso novamente em 2014, juntamente com dezenas de detidos libertados no acordo.

Quando foi libertado da prisão em 2011, casou-se com a detenta libertada, Amal Nafeh. Ao ser preso novamente, uma sentença de 30 meses foi emitida contra ele. Depois de cumprir essa pena, a ocupação res-

taurou sua sentença anterior, que é de prisão perpétua e mais 18 anos. Barghouti nasceu em 23 de outubro de 1957 e pertence a uma antiga família famosa por sua resistência à ocupação por décadas. As autoridades de ocupação se recusaram a libertá-lo apesar da aprovação de muitos acordos de troca e libertações que ocorreram no âmbito das negociações.



Fonte: Agência Anadolu

### Karim Younis

O decano dos prisioneiros palestinos e um dos prisioneiros mais antigos do mundo, Karim Younes, está há quase quarenta anos, cumprindo o último de sua pena ininterrupta dentro das prisões da ocupação israelense, onde entrou desde 1983.

Karim Younes nasceu em 23 de novembro de 1958 na aldeia de **Ara**, nos territórios ocupados 1948, e foi preso em 1º de junho de 1983, condenado à prisão perpétua sob a acusação de “pertencer à resistência palestina”, “portar armas de forma desorganizada” e “matar um soldado israelense”. A pena de morte foi reduzida para quarenta anos de prisão.

Karim entrou na prisão como um jovem de não mais de 23 anos. Ele era um estudante universitário na Universidade do Negev, cursando o segundo ano de engenharia de máquinas. Ele se tornou um prisioneiro atrás das grades e um símbolo do movimento cativo depois de recusar todas as barganhas e discriminações entre prisioneiros. Após anos de privações e ausências, a mãe de Karim, Sobhia Younes, na cidade de Ara, diz que no dia da libertação de seu filho mais velho, vai abraçá-lo impaciente, e afirma: “Não haverá nada que se compare a essa alegria!”



Fonte: Al Araby

## Maher Younis

Maher Younis, de 64 anos, entrou em seu quadragésimo e último ano nas prisões da ocupação, e é o segundo prisioneiro palestino mais velho nas prisões israelenses.

Nascido em 9 de janeiro de 1958, na aldeia de Ara, ele completou seus estudos primários nas escolas da vila, depois ingressou na escola agrícola na cidade de Hadera e, em 18 de janeiro de 1983, o exército israelense o prendeu, após a prisão de seu primo, general de brigada. No início de sua prisão, o tribunal impôs uma sentença de morte por enforcamento, juntamente o prisioneiro Karim Younes, sob a alegação de “traição de cidadania”, por possuírem cidadania israelense.

Um mês depois, o tribunal voltou e impôs uma sentença comutando a pena de morte para prisão perpétua. Após vigorosos esforços legais, as autoridades israelenses estabeleceram, em setembro de 2012, uma sentença de 40 anos de prisão para vários prisioneiros dos territórios ocupados em 1948, incluindo Maher Younis.

Ele foi preso antes de se casar, e assim passou sua juventude em detenção sem constituir família, e hoje está privado até de conhecer seus sobrinhos e sobrinhas, por decisão do Tribunal Central de Nazaré. Um pedido feito em 2008 para ver seu pai foi recusado. Seu pai estava no leito de morte e Maher não pode vê-lo ou se despedir após anos de ausência.

Fonte: Arab48



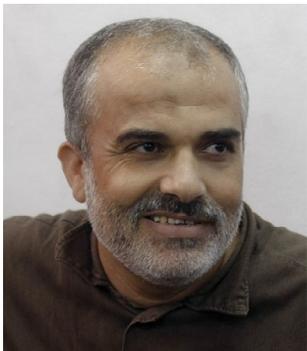
## Walid Daqqa

O prisioneiro palestino Walid Daqqa, de 60 anos de idade, nascido na cidade de Baqa al-Gharbiya, entrou em seu 37º ano nas prisões da ocupação israelense.

Israel prendeu Daqqa em 25 de março de 1986, acusado de capturar e matar um soldado sionista em 1984, o que representou um golpe à noção israelense de controle sobre os palestinos nas terras ocupadas de 1948. Daqqa foi condenado à prisão perpétua, posteriormente fixada em 37 anos. Em 2018, dois anos foram adicionados à sua sentença.

Daqqa foi exposto a uma série de políticas abusivas impedindo seus estudos, incluindo a apreensão de seus escritos e livros particulares. Durante sua longa detenção, produziu artigos e contribuiu para a compreensão da experiência prisional e sua resistência. Entre seus livros de destaque, estão “Tempo Paralelo”, “Os Diários da Resistência no Campo de Jenin”, “Consciência do Lavador” e “**A História do Segredo do Azeite**”.

Walid Daqqa casou-se com a jornalista Sana Salama em 1999, após ela tê-lo visitado para escrever sobre o sofrimento dos prisioneiros palestinos. Sua união estabeleceu um precedente na história do movimento cativo, já que as autoridades de ocupação tiveram de permitir fotos e vídeos. Nove prisioneiros participaram da cerimônia e tocaram música como qualquer em outro casamento. Em fevereiro de 2020, sua esposa deu à luz a sua filha Milad, após gestação alcançada por contrabando de sêmen do pai.



**Fonte:** Instituto para Estudos Palestinos

## Ibrahim Hamed

Ibrahim Hamed, de 56 anos, nascido em **Silwad**, Ramallah, entrou em seu 15º ano consecutivo nas prisões da ocupação israelense, com uma sentença total de 54 prisões perpétuas, isto é, 5.400 anos.

Hamed é bacharel pelo Departamento de Ciência Política da **Universidade de Birzeit**. Trabalhou como pesquisador em questões de refugiados e publicou muitos livros e pesquisas sobre a questão palestina. Antes de ser perseguido e preso, ele estava se preparando para estudar para um mestrado em relações internacionais.

A ocupação prendeu Hamed, que era um líder militar do Hamas na Cisjordânia, depois de uma árdua perseguição por mais de 10 anos, até ser chamado de “O Fantasma” por causa de sua astúcia, sigilo e dissimulação ao longo desses anos, atuando por trás de muitas operações de comando vitoriosas contra centenas de israelenses antes e durante a Segunda Intifada.

Antes da prisão de Hamed, sua esposa foi presa e seus dois filhos foram interrogados repetidamente, antes que a ocupação deportasse sua família para a Jordânia. Após sua prisão e a recusa em pronunciar qualquer palavra por muito tempo ou mesmo em reconhecer sua identidade, e depois de passar por uma árdua jornada na investigação em que ele mostrou grande firmeza, segundo sua família, as autoridades prisionais israelenses o colocaram em confinamento solitário por 7 anos, durante os quais ele foi impedido de ver sua família ou contatar alguém.

E em um **vídeo** produzido pelo canal oficial israelense sobre Ibrahim Hamed, eles é descrito como uma “fênix ... um pássaro que a lenda diz que se levanta da areia após sua morte”, porque “sempre se levanta após cada perseguição, prisão ou liquidação das células militares que trabalham sob seu comando.”

**Fonte:** Arabic Post

## Abdullah Barghouti



“Se Israel tivesse que deixar esta terra por qualquer motivo, levaria Abdullah Barghouti junto” É o que disse o oficial israelense responsável pelo processo do prisioneiro palestino, após o julgamento militar em que foi condenado a 67 prisões perpétuas e 5.200 anos, acusado de realizar sete operações de comando que mataram 67 israelenses e feriram outros 500.

Abdullah Barghouti entrou em seu 20º ano de cativeiro nas prisões da ocupação israelense, depois que ele foi preso por forças especiais na cidade de Al-Bireh, no meio da Cisjordânia ocupada, por acaso, em 5 de março de 2003. Barghouti é considerado um dos mais proeminentes combatentes da resistência a Israel durante a segunda Intifada Palestina, que começou em 28 de setembro de 2000. Ele reanimou o braço armado do Hamas na Cisjordânia ocupada após o assassinato do líder da ocupação, **Yahya Ayyash**, em 1996.

Al-Barghouti nasceu no Kuwait em 1972 e mudou-se para a Jordânia após a segunda Guerra do Golfo em 1990. Obteve cidadania jordaniana, antes de ingressar em uma universidade sul-coreana para estudar engenharia eletrônica. Ele entrou na Palestina pela primeira vez em 1997 e trabalhou em Jerusalém na manutenção de aparelhos eletrônicos. Lá, juntou-se à ação de resistência armada contra Israel, com o início da segunda intifada em 2000, e tornou-se o engenheiro de operações da guerrilha na Palestina. Foi preso por um mês pelos serviços de segurança palestinos. Depois a ocupação israelense o perseguiu por dois anos. Sua esposa e filhos se mudavam com ele disfarçados de um lugar para outro na cidade de Ramallah.

Ele foi preso por acaso pelas forças especiais israelenses quando estava com um de seus filhos no hospital. Foi levado para interrogatório por três meses consecutivos, durante os quais experimentou todo tipo de tortura psicológica e física. Foi apresentado ao tribunal militar apenas duas vezes. No segundo julgamento, ele foi condenado como a sentença mais longa da história da ocupação, e outros a descreveram como a sentença de prisioneiro mais longa da história.

Barghouti é autor de vários livros, incluindo “O Príncipe das Sombras”, e vários romances, mais notavelmente “A Guilhotina”. Ele também obteve, durante os anos de sua prisão, um diploma de bacharel em história pela Universidade Al-Quds, um mestrado em ciência política e estudos regionais e um doutorado honorário de uma universidade marroquina.

**Fonte:** Al Jazeera



## Ahmad Sa'adat

Ahmed Sa'adat nasceu na cidade de Al-Bireh em 23 de fevereiro de 1953, em uma família que foi expulsa de sua aldeia original, Deir Tarif, no distrito de Ramle, em 1948, após a ocupação sionista da Palestina.

Sa'adat é um líder revolucionário palestino que levantou a bandeira da resistência e passou a vida nas cadeias israelenses e palestinas ou perseguido pela ocupação e pela Autoridade Palestina. Ele foi o único secretário-geral a ser preso e ainda está detido em prisões israelenses.

Ele assumiu a responsabilidade pela decisão da FPLP de assassinar o ministro israelense Rehavam Ze'evi em Jerusalém em 17 de outubro de 2001, em resposta ao assassinato do secretário-geral da FPLP Abu Ali Mustafa, em seu escritório em Ramallah em 27 de agosto de 2001.

Após o assassinato de Abu Ali Mustafa, o Comitê Central da Frente Popular reuniu-se em outubro de 2001, e Saadat foi eleito secretário-geral da Frente Popular de Libertação da Palestina por unanimidade pelos membros do Comitê Central. Em 2006, concorreu às eleições para o Conselho Legislativo. Na Sétima Conferência Geral, realizada no final de 2013, foi reeleito por unanimidade como Secretário-Geral da Frente, enquanto se encontrava nas prisões da ocupação. Saadat é membro dos Conselhos Nacional e Central da Organização para a Libertação da Palestina.

Em 14 de março de 2006, as autoridades israelenses o prenderam na Prisão de Jericó, onde estava detido pela Autoridade Palestina, após a retirada de observadores americanos e britânicos. Sa'adat e seus com-

panheiros responsáveis pelo assassinato de Ze'evi, como o general de brigada Fuad al-Shobaki e outros foram presos. Em 25 de dezembro de 2008, o Tribunal de Ocupação o condenou a 30 anos de prisão.

**Fonte:** Al Mayadeen

---

## Marwan Barghouti

Marwan Barghouti, de 63 anos, entrou em seu 21º ano nas prisões da



ocupação israelense. Barghouti é considerado um dos líderes mais proeminentes do movimento **Fatah** e é condenado à prisão perpétua. Nascido em 1959 e natural da cidade de **Kober**, na província de Ramallah e Al-Bireh, é considerado o primeiro membro do comitê central do movimento Fatah e o primeiro parlamentar palestino preso pelas autoridades de ocupação e condenado à prisão perpétua.

Barghouti foi preso mais de uma vez. Sua primeira prisão ocorreu quando ele tinha 15 anos, a segunda em 1978 e a terceira em 1983. Após a libertação em 1983, ele ingressou na Universidade de Birzeit e foi eleito presidente do Conselho Estudantil por três anos consecutivos, no estabelecimento do Movimento Juvenil Fatah. Em 1984, foi preso novamente por várias semanas, e em 1985 ele foi detido por (50) dias, durante os quais ele foi submetido a um duro interrogatório. Foi colocado em prisão domiciliar no mesmo ano.

Durante a Intifada de Al-Aqsa, da qual ele foi um de seus líderes mais proeminentes, as autoridades de ocupação o acusaram de estabelecer e

liderar a ala militar do movimento Fatah, e ele foi perseguido e submetido a duas tentativas de assassinato. Em 15 de abril de 2002, as forças de ocupação o prenderam durante a invasão das cidades da Cisjordânia. Barghouti foi submetido a meses de tortura durante seu interrogatório e a mais de mil dias em confinamento solitário,, Foi condenado a cinco prisões perpétuas.

Em 2010, Marwan Barghouti obteve um doutorado em ciência política do Instituto de Pesquisa e Estudos da Liga dos Estados Árabes. Escreveu vários livros durante os últimos anos de cativeiro, incluindo o livro “ Mil dias em uma cela de Confinamento Solitário.”

**Fonte:** Al Watan Voice

---

## Maysoon al-Jabali



A prisioneira Maysoon Al-Jabali (28 anos), da vila de **Ash-Shawawra**, a leste de Belém, está entrando em seu oitavo ano consecutivo nas prisões da ocupação, e está cumprindo uma pena de prisão de 15 anos.

As forças de ocupação prenderam a garota Al-Jabali em 29 de junho de 2015, depois que ela foi acusada de esfaquear um soldado em um posto de controle israelense e feri-lo leve a moderadamente, antes que os soldados presentes no local a detivessem e espancassem severamente e a transferissem para a investigação.

No mesmo dia em que Maysoon foi presa, as forças de ocupação invadiram a casa de sua família a leste de Belém, revistaram-na minuciosa-

mente, destruíram muitos de seus pertences e agrediram vários membros de sua família. Os Tribunais de Ocupação adiaram o julgamento de Jabali mais de 12 vezes antes de emitir uma sentença dura e retaliatória contra ela em novembro do ano de 2016.

**Fonte:** [Asra Media](#)



### Israa Jaabis

Em 11 de outubro de 2015, Israa estava a caminho de Jericó para Jerusalém, onde trabalhava diariamente, e transportava alguns pertences de sua casa para a nova residência perto de seu local de trabalho.

No carro, ela tinha um botijão de gás e uma TV. De acordo com o que Israa disse aos investigadores, ela estava ligando o ar condicionado e o rádio do carro.

Quando Israa chegou perto de um quilômetro e meio de distância do posto de controle israelense, o carro quebrou (e quebrava quase diariamente). Ocorreu uma falha elétrica e atingiu o airbag ao lado do volante, que foi originalmente instalado para reduzir as complicações dos acidentes. O carro pegou fogo, então Israa saiu do carro e pediu uma ambulância aos policiais israelenses que estavam perto do local do acidente, mas a polícia não lhe forneceu socorro e chamou mais policiais e seguranças.

A polícia inicialmente anunciou que era um acidente normal, mas depois a mídia israelense afirmou que se tratava de uma operação mirando os

soldados israelenses. Os investigadores descobriram a presença da televisão com o botijão de gás vazio. Concluíram que o airbag explodiu, não o botijão de gás, e que ligar o ar-condicionado impediu que o vidro do carro explodisse. Mas a inteligência israelense insistiu nas alegações de que Israa estava a caminho de realizar um ataque contra os soldados no posto de controle.

A polícia israelense prendeu Israa e realizou várias sessões de interrogatório com ela dentro do hospital devido à dificuldade de transferi-la para o tribunal em estado crítico de saúde. Depois de deliberações e discussões nos tribunais israelenses, ela foi condenada a 11 anos de prisão e multa de cerca de 50 mil shekels. Israa não passou por nenhum tratamento além de analgésicos pelos israelenses, mas precisa de tratamento a laser, cirurgias curativas e cosméticas e sofre de problemas de visão, respiração, audição, dor nos pés e ouvidos e pele seca.

**Fonte:** [Arabi21](#)

Existem muitos métodos palestinos de luta em relação à questão dos prisioneiros, e eles variam entre a opção militar de libertá-los por meio de acordos de troca, o que já se mostrou bem-sucedido, e a opção de autolibertação por meio da escavação de túneis de liberdade, além dos esforços para estabelecer os direitos humanos dos prisioneiros. A demanda por libertação por meio de negociações sob o Acordo de Oslo provou ser um fracasso. Após uma série de greves de fome, a resistência popular solidária também ameaça uma escalada militar se o sofrimento dos prisioneiros e a privação de seus direitos continuam. Este método provou ser bem-sucedido na maioria das situações.

Com o advento do Dia do Prisioneiro Palestino neste ano, surgem com força discussões sobre a importância do tema e de sua internacionaliza-

ção. Os prisioneiros são considerados parte da vanguarda da luta palestina, e é por isso que ocupam um lugar importante da luta na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. É urgente rever a narrativa midiática sobre a questão dos prisioneiros, para que não se tornem meros números cobertos por reportagens da imprensa e canais via satélite. Cada prisioneiro é a história de uma pessoa que lutou pela liberdade de sua terra e seu povo.

Em conclusão, deve-se enfatizar que todas as prisões, apesar da enormidade de seus números e da feiura dos eventos que a acompanham e da fragmentação do tecido nacional do povo palestino, não impedirão a marcha de um povo que insiste em continuar resistindo à ocupação pela entidade sionista até que sua terra seja recuperada e a liberdade seja conquistada. As prisões não levarão a nenhum tipo de paz ou tranquilidade. A paz não pode ser separada da liberdade, porque nenhum palestino honesto pode estar em paz a menos que seja livre.

# MEMO

## MONITOR DO ORIENTE MEDIO

*Criando Novas Perspectivas*



[monitordooriente.com](http://monitordooriente.com)



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)